

18º Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

GT08: Trabalhadores, Sindicatos e Ações Coletivas

Título: Trajetórias ocupacionais de trabalhadores estrangeiros no mercado de trabalho formal brasileiro

Autora: Lilian Silva do Amaral Suzuki¹

¹ Doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Introdução

Poucas questões suscitam tantas controvérsias como as migrações internacionais, por se tratar de um fenômeno social bastante complexo e multifacetado que interage com outros importantes temas. Sendo assim, o ato de migrar encontra-se diretamente interligado a questões econômicas, demográficas, políticas, culturais, religiosas, dentre outras.

Wynne (2015) explica que a migração internacional é um fenômeno global, ainda que, atualmente, existam mais restrições legais – que buscam dificultar e/ou impedir o movimento transfronteiriço de pessoas - do que há 100 anos atrás.

Por isso, os movimentos migratórios têm despertado, de modo geral, grande interesse e no campo acadêmico e científico isso não é diferente. “Uma quantidade interminável de investigações lançam uma luz constantemente renovada sobre as múltiplas facetas do fenômeno.” (ARANGO, 2003, p. 1).

Para Massey e Arango (1998), esse protagonismo das migrações internacionais surge a partir da década de 1970, influenciado, principalmente, pela economia pós-industrial e por todas as importantes mudanças geopolíticas ocorridas no Ocidente no século XX, quando o mundo ocidental vivenciou uma drástica reformulação de diversas ordens e esferas da vida social. Nesse momento, as ideias e noções existentes sobre as migrações também se modificaram radicalmente.

Se no início, as poucas teorias que surgiram se mostraram bastante rígidas e sem conexão umas com as outras, mais recentemente presenciamos um grande número de estudiosos buscando compreender a realidade das migrações atuais, sendo que os estudos migratórios, cada vez mais, levam em consideração que a experiência de migrar engloba todas as dimensões da existência humana.

E não seria possível analisar os fluxos migratórios contemporâneos sem recorrer ao mercado de trabalho. Segundo Ragazzi e Sella (2016), migração e trabalho são campos que encontram-se diretamente conectados, tanto porque a busca por melhores condições de trabalho é uma forte motivação dentre grande parte dos indivíduos que migram, quanto porque o trabalho é um aspecto fundamental de coesão social, especialmente para os migrantes.

Portanto, a inserção no mundo do trabalho apresenta-se como um pilar para a existência de uma cidadania ativa e um passo fundamental na autoconstrução individual e no desenvolvimento de habilidades sociais.

Esse estudo faz parte de minha tese de doutorado que encontra-se em andamento e que tem como objetivo analisar a inserção e as trajetórias ocupacionais de trabalhadores estrangeiros presentes no mercado de trabalho formal no Brasil. De acordo com Edmonston (2013), uma perspectiva que busque analisar trajetórias deve examinar histórias individuais, a fim de compreender de que maneira eventos anteriores, condições sociais, econômicas e características individuais, podem influenciar em decisões e eventos ao longo do tempo.

Diversos teóricos (PIORE, 1979; BORJAS, 1985, SASSEN, 1978, BONACICH, 1973; CHISWICK, LEE e MILLER, 2005) buscaram, ao longo do tempo, analisar a integração econômica e social dos imigrantes nos países de acolhimento, e por tal integração encontrar-se amplamente conectada à inserção do imigrante no mercado de trabalho, uma maneira interessante de examinar essa questão é analisar a trajetória ocupacional dos imigrantes desde os países de origem até o país de acolhimento.

Segundo Guimarães (2004), os estudos sobre trajetórias ocupacionais tornaram-se cada vez mais relevantes a partir da década de 1990 quando o significativo aumento nos níveis de desemprego em importantes setores da economia - que surge como resultado da reestruturação produtiva - fez com que os trabalhadores expulsos do mercado de trabalho formal passassem a buscar outras atividades que fossem compatíveis com suas expectativas de vida e que permitissem recuperar o status adquirido anteriormente.

Edmonston (2013) afirma que um estudo sobre trajetória ocupacional deve observar a história profissional e de emprego, o que pode incluir uma análise ao longo do tempo numa mesma profissão ou em períodos de mobilidade profissional. Portanto, para uma análise das trajetórias ocupacionais de imigrantes no Brasil torna-se fundamental enfatizar a conexão existente entre esses indivíduos e o contexto histórico em que suas vidas se perpassam e analisar importantes questões como, por exemplo, o jogo existente entre a ocupação desejada e ocupação efetiva.

Metodologia

Primeiramente, realizou-se um levantamento sobre trabalhadores estrangeiros no Brasil através das bases da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e assim foi possível ter acesso à quantidade de trabalhadores estrangeiros inseridos no mercado de trabalho formal durante o período de 2008-2015 e outras importantes características como: país de origem, sexo, ocupação, idade, escolaridade, dentre outras.

Foram realizadas 25 entrevistas com trabalhadores estrangeiros de diferentes nacionalidades que se encontram inseridos no mercado de trabalho formal no Brasil nas cidades de São Paulo, Goiânia e Aparecida de Goiânia.

Utilizou-se também dados obtidos através de um questionário² disponibilizado online e que foi preenchido de forma voluntária por trabalhadores estrangeiros de diferentes Unidades da Federação.

Isso foi possível porque adotou-se a seguinte estratégia: todos os trabalhadores que recebem autorização³ para trabalhar no Brasil o fazem através da Coordenação Geral de Imigração (CGI) – órgão vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego - e após análise do pedido, caso seja deferido a autorização, é publicada no Diário Oficial da União. Dessa forma, acessamos as listas com os nomes das empresas e dos trabalhadores estrangeiros que receberam autorização para trabalhar no Brasil, e, tendo acesso aos nomes desses trabalhadores, passamos a buscar na internet outras informações sobre os mesmos, tentando localizar principalmente algum tipo de contato como *e-mail* ou contas em redes sociais (*Facebook, Twitter* e etc.). Após encontrar essas informações, foi solicitado que esses informantes respondessem um questionário através de um link que foi disponibilizado para os mesmos.

² A coleta desses dados ainda não foi finalizada e até o momento recebemos 15 questionários respondidos.

³ O sistema de concessão de vistos do Brasil é por demanda, sendo assim, é necessário que alguma empresa brasileira queira contratar um trabalhador estrangeiro. Caso haja o interesse, a empresa deve solicitar ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) a autorização de trabalho, após análise e sendo o pedido aceito, o visto de trabalho temporário é expedido. De acordo com a legislação brasileira, os brasileiros têm prioridade nas vagas e, por isso, as empresas devem justificar a necessidade da contratação do trabalhador estrangeiro. Os vistos de trabalho temporário são divididos em quatro categorias: até 90 dias, até 1 ano, até 2 anos com contrato de trabalho no Brasil e até 2 anos sem contrato de trabalho no Brasil.

Perfil e características dos trabalhadores

Se em 2008 o número total de trabalhadores estrangeiros contidos nos dados da RAIS era de 49.439, em 2015, o número aumenta significativamente chegando a um total de 131.037 imigrantes com vínculo formal de trabalho no Brasil. A proporção média de mão de obra estrangeira com vínculo formal de trabalho, segundo sexo, durante o período foi de 71% de homens e 29% de mulheres.

Nesse sentido, percebe-se que em relação à inserção de mão de obra estrangeira no mercado de trabalho formal brasileiro, os homens são maioria. Porém, deve-se salientar que ao tratar apenas dos vínculos formais de trabalho ocorre uma perda muito grande de trabalhadores/trabalhadoras que estão presentes no mercado de trabalho informal.

Diversos trabalhos (PARELLA, 2005; HIRATA, 2009) mostram que as trabalhadoras migrantes tendem a ser maioria no mercado de trabalho informal, pois encontram-se inseridas em postos de trabalho específicos que historicamente são direcionados para mulheres, como é o caso dos trabalhos domésticos. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2011), o Brasil possui o maior número de trabalhadores domésticos do mundo: um total de 7,2 milhões, sendo que, dentre estes, 6,7 milhões são mulheres.

De acordo com Dutra (2013), as mulheres migrantes ocupam um lugar de grande vulnerabilidade na sociedade receptora e que são amplamente exploradas e discriminadas no mercado de trabalho. “O entrecruzamento das condições de classe, gênero e etnia condena o coletivo de mulheres migrantes trabalhadoras a uma situação de vulnerabilidade social acentuada pela concentração delas no mercado de trabalho informal”. (DUTRA, 2013, p. 181).

Nash (2012) afirma que um aspecto que tem sido cada vez mais associado à figura das mulheres migrantes no final do século XX é a sua presença no mercado das tarefas domésticas e de cuidado, e sendo assim, as mulheres “recém-chegadas”, acabam se tornando “mães substitutivas da infância global”. Por isso, uma quantidade muito grande de mulheres migrantes atua nesse mercado do trabalho doméstico, sendo esta uma “atividade socialmente pouco valorada, etiquetada como “suja” e escassamente

qualificada, assumida como algo inerente à condição feminina e, frequentemente, realizada na economia informal”. (PARELLA, 2005, p. 98).

De acordo com Cavalcante (2015), outra característica bastante importante dos fluxos migratórios que tem como destino o Brasil, atualmente, é a sua diversificação. Nesse sentido, ao contrário dos fluxos imigratórios anteriores que ocorreram entre os séculos XIX e início do século XX, quando os imigrantes provenientes do hemisfério norte recebiam diversos incentivos do governo brasileiro, pois “tinham a função de “ocupar” territórios e de “branquear” o país, na atualidade, o mercado de trabalho brasileiro vem recebendo também imigrantes provenientes do hemisfério sul”. (CAVALCANTE, 2015, p. 37). A tabela 1 demonstra essa diversificação e como os imigrantes provenientes de países do hemisfério sul passaram a ocupar significativamente o mercado de trabalho formal nos últimos anos.

Tabela 1: Total de imigrantes com vínculo formal de trabalho, segundo principais nacionalidades Brasil 2008 – 2015.

Nacionalidade	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Haitiana	0	0	0	519	3.033	11.360	23.993	34.224
Portuguesa	8.881	8.665	8.484	9.213	9.990	10.547	10.770	10.254
Argentina	4.708	4.948	5.196	5.932	6.421	7.061	7.832	7.795
Boliviana	2.832	3.060	3.571	4.793	5.702	7.136	7.243	6.700
Paraguaia	1.702	2.093	2.778	3.813	4.730	5.955	7.119	7.644
Chilena	3.980	3.989	4.169	4.459	4.509	4.553	4.494	4.164
Italiana	2.183	2.206	2.219	2.461	2.699	2.912	3.116	3.071
Norte-Americana	1.584	1.685	1.815	2.236	2.511	2.564	2.553	2.380
Japonesa	1.790	1.832	1.894	2.140	2.341	2.517	2.727	2.636
Espanhola	1.789	1.771	1.885	2.192	2.516	3.065	3.093	2.852
Outras	19.990	21.566	25.481	26.953	30.792	36.815	46.372	49.317
Total	49.439	51.815	57.492	64.711	75.154	94.485	119.312	131.037

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/MTE, 2008-2015.

Durante o período analisado, é necessário destacar principalmente a quantidade de trabalhadores provenientes do Haiti, sendo que, a partir de 2013, essa passou a ser a principal nacionalidade estrangeira presente no

mercado de trabalho formal brasileiro. Em 2015, o número total de haitianos observados nos dados da RAIS foi de 34.224.

E a tendência é que este fluxo se mantenha devido à diversas ações governamentais como a ocorrida em novembro de 2015, quando de modo conjunto, o Ministério do Trabalho e Previdência Social e o Ministério da Justiça autorizaram 43.781 haitianos que se encontravam em situação irregular no país a tirar o visto de residência permanente, o que possibilita esses imigrantes, a partir de então, terem acesso à carteira de identidade de estrangeiro, documento que permite o acesso ao mercado de trabalho formal e serviços públicos, como saúde e educação.

Durante o período analisado foram observadas também outras novas nacionalidades presentes no mercado de trabalho formal, assim fluxos migratórios de africanos, paquistaneses, bengaleses, senegaleses, ganeses, dentre outros, demonstram uma importante modificação no perfil dos fluxos migratórios recentes.

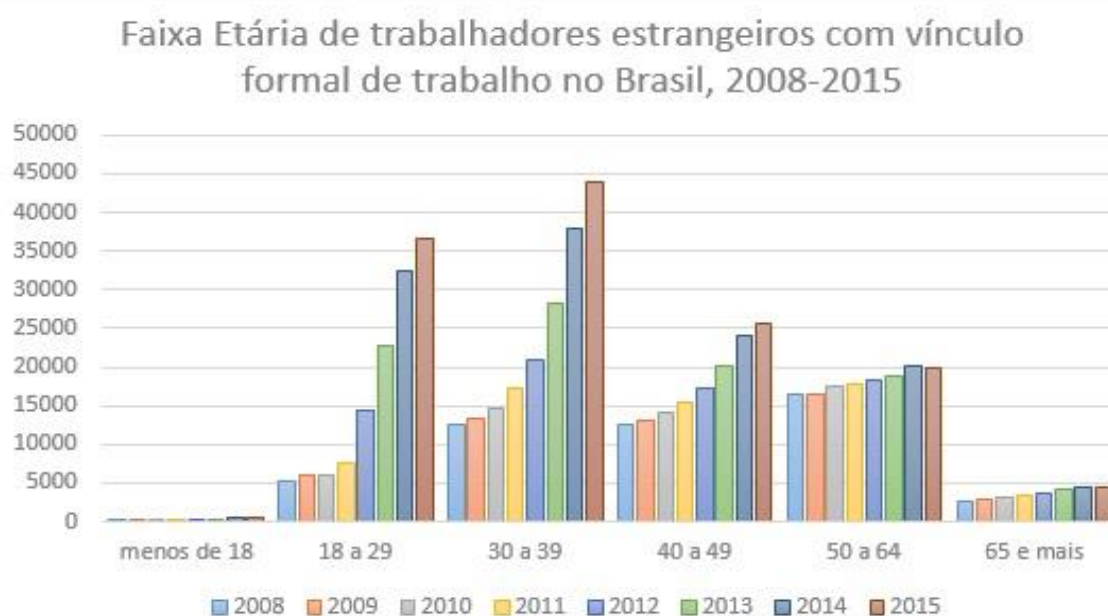
Dentre esses fluxos atuais, destacam-se principalmente os movimentos migratórios de imigrantes provenientes de países da América Latina para o Brasil, principalmente de bolivianos, paraguaios, peruanos e uruguaios. Fernandes (2015) afirma que esses países apresentam uma forte integração regional e o contexto internacional tem propiciado nessa região uma “transferência populacional, tanto para as metrópoles, quanto para outras cidades nas quais a posição geográfica e a competitividade do mercado têm atraído indústrias novas e internacionais nesse atual momento da economia” (FERNANDES, 2015, p. 32).

Outro aspecto que parece ser essencial para o fortalecimento desses fluxos migratórios refere-se aos tratados firmados pelo Mercosul e países associados. Segundo Alves (2015), os direitos adquiridos através desses acordos abrem espaço, de forma gradativa, para à formação de um bloco regional de mercado de trabalho.

Com relação à faixa etária, sendo a RAIS uma base de dados que informa sobre o mercado de trabalho, a mesma apresenta de forma predominante uma população em idade ativa. Por isso, como é possível examinar através do gráfico 1, durante o período estudado, há uma distribuição bastante equitativa entre as faixas etárias a partir dos 18 anos até os 64 anos

de idade, ainda que, ao longo do período, algumas faixas tenham tido um crescimento exponencial como as faixas de 18-29 e a de 30-39 anos de idade.

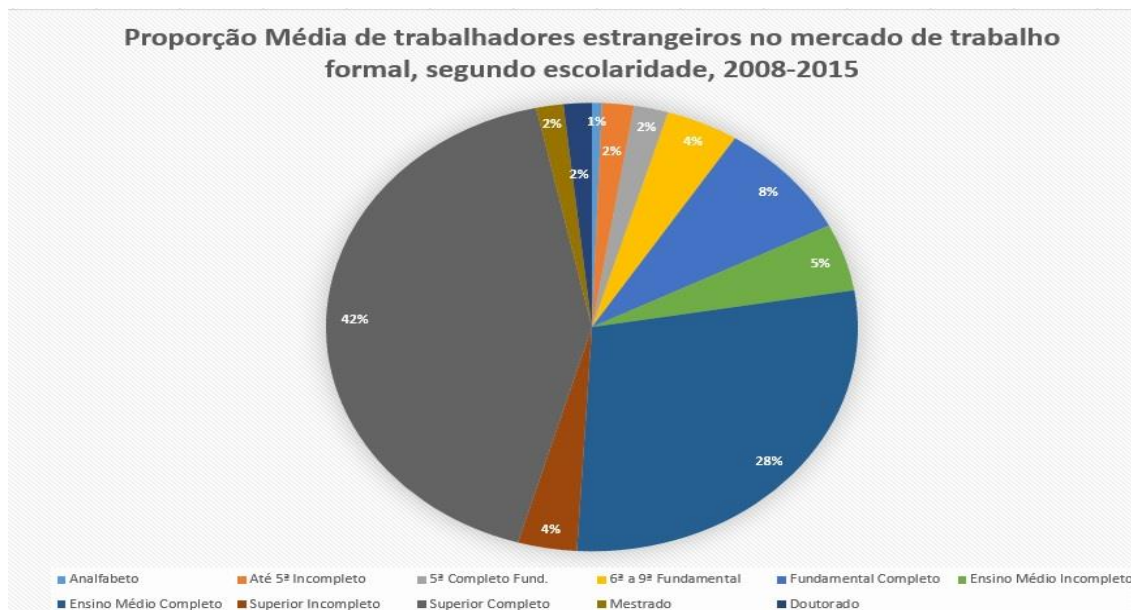
Gráfico 1: Faixa Etária de trabalhadores estrangeiros com vínculo formal de trabalho no Brasil, 2008-2015.



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/MTE, 2008-2015.

A maior parte dos trabalhadores estrangeiros no mercado de trabalho formal no Brasil possui formação superior e ensino médio completo, respectivamente, como demonstra o gráfico 2. A Organização Internacional para as Migrações (2010) afirma que o processo de reestruturação produtiva tem atraído um contingente importante de estrangeiros para trabalhar em empresas instaladas no Brasil. Assim, entre 2008 e 2015, em média 45% das autorizações de trabalho concedidas no Brasil contemplaram um contingente de estrangeiros com curso superior completo, incluindo mestrado e doutorado.

Gráfico 2: Proporção média de trabalhadores estrangeiros com vínculo formal de trabalho no Brasil, segundo escolaridade, 2008-2015.



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/MTE, 2008-2015.

A tabela 2 mostra as principais ocupações em que os trabalhadores estrangeiros que possuem ensino médio e ensino superior encontram-se inseridos. Com relação aos postos de trabalho, compreende-se que há uma importante distinção com relação à concentração desses trabalhadores de acordo com o nível escolar, pois enquanto os trabalhadores que possuem ensino médio tendem a se concentrar no setor de bens e serviços industriais, os trabalhadores que possuem ensino superior localizam-se principalmente em áreas de direção/gerência e de ensino.

Tabela 2: Principais ocupações de trabalhadores estrangeiros no mercado de trabalho formal no Brasil, segundo escolaridade, por valores absolutos e variação percentual, 2008 e 2015.

Ensino Médio				Ensino Superior			
Ocupação	2008	2015	Variação	Ocupação	2008	2015	Variação
Trabalhadores dos serviços de hotelaria e alimentação	463	4539	8,8%	Gerente de áreas de apoio	3383	5815	0,71%
Vendedores e demonstradores	899	3283	2,6%	Diretores de áreas de apoio	1249	1916	0,53%

Trabalhadores nos serviços de administração, conservação e manutenção de ed. e logradouros	200	2786	12,93%	Professores do ensino superior	2121	2754	0,29%
Escriturários em geral, agentes, assistentes e auxiliares administrativos	1242	2203	0,77%	Professores de nível superior na educação infantil e no ensino fundamental	1746	2134	0,22%
Trabalhadores artesanais na agroindústria, na indústria de alimentos e do fumo	95	1970	19,3%	Profissionais de organização e administração de empresas e afins	1409	2136	0,51%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/MTE, 2008-2015.

É interessante perceber de que maneira a mudança no perfil dos fluxos recentes - através de uma quantidade bastante significativa de imigrantes provenientes do hemisfério sul – propiciou uma série de mudanças com relação a vários aspectos que podem ser observados através dos dados da RAIS, como por exemplo, a ocupação desses trabalhadores no mercado de trabalho formal e sua remuneração.

Sendo assim, se em 2008, 50,31% da força de trabalho realizava atividades na ponta virtuosa da produção em cargos de direção/gerência ou como profissionais de nível superior, em 2015, se destacam os trabalhadores presentes na produção de bens e serviços industriais (34,6%), seguidos pelos trabalhadores nos setores de serviços e vendedores (18,1%) e profissionais de nível superior (15,9%).

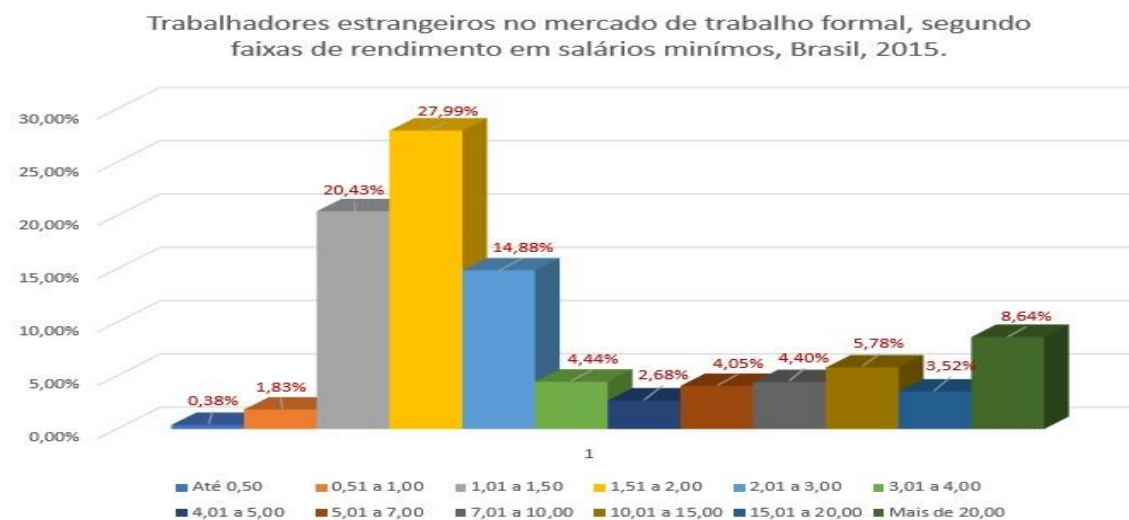
Com relação à remuneração, é possível perceber essa mesma mudança. Os gráficos 3 e 4 explicitam essa diferença, assim em 2008, a maior parte dos trabalhadores estrangeiros (20,38%) recebia mais de 20 salários mínimos por mês, o que faz sentido, pois a maioria encontrava-se presente nos postos de trabalhos citados acima. Já em 2015, ocorre uma brusca alteração nesses dados e a maioria dos trabalhadores estrangeiros recebeu, nesse novo cenário, entre um salário e meio e dois salários mínimos (27,99%).

Gráfico 3: Trabalhadores estrangeiros no mercado de trabalho formal, segundo faixas de rendimentos em salários mínimos, Brasil, 2008.



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/MTE, 2008.

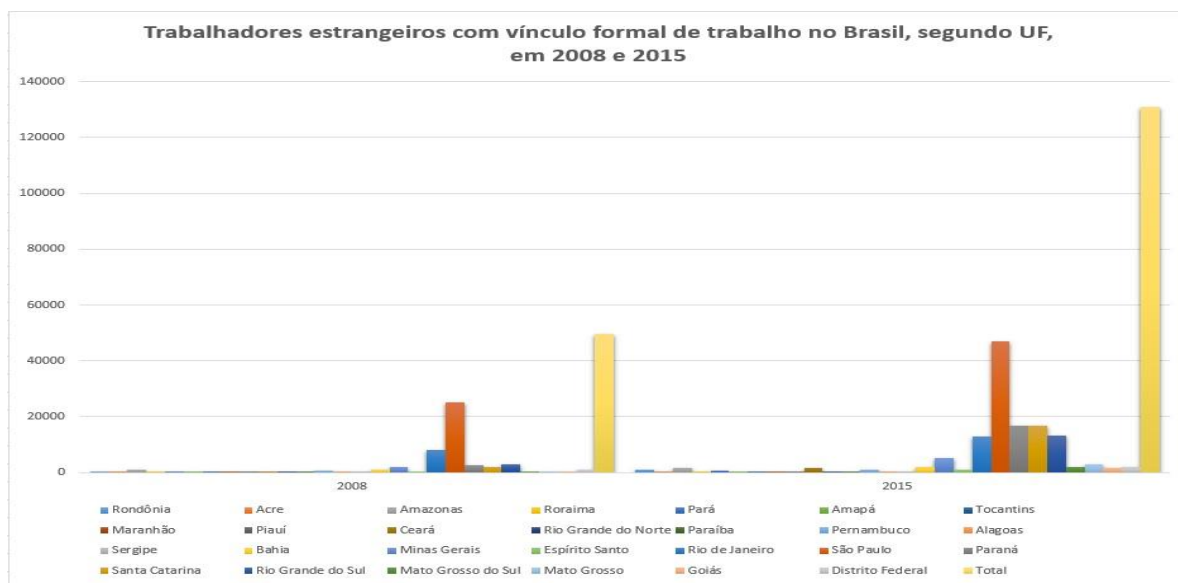
Gráfico 4: Trabalhadores estrangeiros no mercado de trabalho formal, segundo faixas de rendimentos em salários mínimos, Brasil, 2015.



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/MTE, 2015.

Com relação à distribuição dos trabalhadores nos Estados da Federação, o gráfico 5 indica que o Estado de São Paulo manteve a liderança como primeira Unidade da Federação de trabalho de imigrantes com vínculo formal de emprego, seguido por Paraná, Santa Catarina e Rio de Janeiro.

Gráfico 5: Trabalhadores estrangeiros com vínculo formal de trabalho no Brasil, segundo UF, 2008 e 2015.



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)/MTE, 2008 e 2015.

Os dados revelam um aumento significativo dos imigrantes no sul do país, nos setores da construção civil e no setor de produção de bens industriais, sobretudo, em trabalhos pesados, como por exemplo, os trabalhos nas fábricas de conservas, nos abatedores de carne e frango, na construção civil, entre outros. Segundo Cavalcante (2015), são trabalhos realizados em condições duras e difíceis, e que muitas vezes são rejeitados pelos trabalhadores locais, e por isso passam a ser realizados por imigrantes que possuem baixa qualificação. (CAVALCANTE, 2015, p. 44).

Um dado bastante significativo com relação à distribuição dos trabalhadores imigrantes é a quantidade de haitianos que tem adentrado o Estado de Santa Catarina. Segundo dados do Ministério da Justiça, no período de 2011 e 2015, foram solicitados 4.352 pedidos de vistos e concessões de

refúgio por haitianos em Santa Catarina, fazendo deste, um dos principais destinos dos haitianos no Brasil.

Trajetórias ocupacionais

Ao analisar as trajetórias ocupacionais de trabalhadores oriundos de países do hemisfério sul, através das entrevistas realizadas, percebe-se que a maioria encontra-se em ocupações pertencentes à ponta precária da produção, porém analisando as trajetórias ocupacionais, percebe-se que, nos países de origem, esses trabalhadores também encontravam-se inseridos em ocupações semelhantes – ainda que alguns relatos informem que as condições de trabalho aqui no Brasil, muitas vezes, podem ser ainda piores do que as vividas no Haiti - como é possível perceber nesses trechos de entrevistas realizadas com trabalhadores haitianos:

Eu comecei a trabalhar com 15 anos, mas eu deixei o Haiti e fui trabalhar na República Dominicana com 17 anos e fiquei lá 20 anos, e trabalhei sempre na construção civil como pedreiro. Lá no Haiti, eu era chefe de pedreiro, eu tinha 40 trabalhando para mim numa obra, o trabalho lá não era pesado igual aqui, eu não carregava peso o dia inteiro. Aqui, desde que eu cheguei, estou nessa empresa de tomate, passo o dia todo carregando peso das 05:00 da manhã à 17:00 da tarde, ganho dinheiro “quebrando a coluna”, é muito pesado, mas é o que tem [...] (Entrevistado nº1, haitiano, 38 anos, Goiânia-GO⁴).

Eu tinha 14 anos quando meu pai morreu e eu tive que assumir o trabalho que ele fazia no campo, trabalhava na nossa terra mesmo, aí plantava todas as plantas, tomate, pimenta, milho, mandioca, quiabo, feijão, aí vendia. Lá no Haiti o trabalho é muito difícil porque lá tem mês que tem água e tem mês que não tem, aí perdia tudo [...] Aqui sou carregador, o trabalho é pesado demais, carregar caixa de alimento, eu entro 06:00 da manhã e saio 17:00 da tarde, eu pensar que Deus vai arrumar um trabalho melhor para mim [...] (Entrevistado nº03, haitiano, 24 anos, Goiânia-GO).

O acesso a redes de contatos eficientes aparece com um aspecto fundamental para uma inserção mais rápida e em ocupações melhores no

⁴ Os informantes encontram-se nomeados através de algarismos arábicos a fim de preservar a identidade dos mesmos. Assim, alguns dados que consideramos importantes estão apresentados logo após as falas dos mesmos, seguindo a seguinte ordem: numeração arábica, nacionalidade do informante, idade e cidade de residência no Brasil.

mercado de trabalho, principalmente entre os trabalhadores provenientes de países periféricos:

Antes de vir para cá, eu tinha um amigo da minha mãe que mora lá no Porto Velho e que me ajuda em muitas coisas para vir para cá, fazer passaporte, visto, comprar para mim passagem e depois vir para cá. [...] e meu trabalho aqui foi um amigo meu brasileiro que arrumou ele para mim, eu conheci ele aqui na igreja [...] (Entrevistado nº04, haitiano, 29 anos, Aparecida de Goiânia-GO).

Depois de 5 meses sem trabalho, tem um rapaz que mora perto de mim, ele falou com o chefe e falou que tem um amigo que não conseguiu serviço, ele falou para o chefe o chefe falou para trazer eu [...] (Entrevistado nº 09, haitiano, 30 anos, Goiânia-GO).

Dentre os entrevistados haitianos, 02 frequentaram curso superior, porém não concluíram a formação educacional. Esses entrevistados afirmam que no Haiti chegaram a dar aulas para crianças e adolescentes, porém quando a situação do país se tornou muito caótica deixaram o país em busca de uma condição de vida melhor:

Em Haiti sou professor de literatura, idioma espanhol e francês também, eu dava aula em escola, eu tenho certificação de idiomas espanhol e francês também, dava aula para adolescente e criança também. Esse foi o único trabalho que tive [...] eu venho aqui Brasil, teve o terremoto lá no Haiti, teve muita pessoa que morreu, não tem muita faculdade lá igual aqui, aí tenho muita dificuldade, aí venho aqui fazer faculdade e trabalhar também [...] (Entrevistado nº 08, haitiano, 32 anos, Aparecida de Goiânia).

Lá no Haiti, eu comecei a trabalhar como pintor e trabalhar como professor de ensino fundamental, como eu comecei a fazer faculdade de administração eu dava aulas [...] o meu último trabalho no Haiti era como pintor e de manhã eu dava aula em escola particular [...] (Entrevistado nº 09, haitiano, 30 anos, Aparecida de Goiânia).

Esses dois entrevistados que anteriormente eram professores no Haiti, atualmente trabalham como auxiliares de produção. Por isso, os mesmos afirmam ter um grande desejo de cursar o ensino superior no Brasil, pois percebem que apenas assim teriam alguma possibilidade de conseguirem uma inserção nesse mesmo ramo de atividade aqui no Brasil.

Ao observar as trajetórias ocupacionais dos trabalhadores oriundos do norte global através dos questionários preenchidos *online* e das entrevistas, percebe-se que a maioria ocupa postos de trabalho que pertencem à ponta virtuosa da produção – e indicam uma mobilidade ocupacional ascendente - e também possuem um alto grau de escolarização:

Lá na Irlanda, quando você trabalha na educação infantil você não é professora, você é educadora ou você toma cuidado das crianças, você não é professora, então eu acho que a diferença é que aqui eu ganhei muito mais experiência aqui em pouco tempo do que eu ia ganhar lá. Porque eu já virei coordenadora com seis anos de trabalho aqui eu acho que iria demorar mais do que na Irlanda [...] (Entrevistada nº10, irlandesa, 28 anos, Goiânia-GO).

Uma característica bastante recorrente por parte de trabalhadores que ocupam cargos de gerência e direção é a informação de que vieram trabalhar, no Brasil, motivados por oportunidades oferecidas pelas empresas - no caso empresas multinacionais e transnacionais que atuam no Brasil – onde já atuavam anteriormente, porém em seu local de origem.

Sendo assim, esses trabalhadores revelam vivenciar uma mobilidade ocupacional ascendente, pois os cargos que passam a ocupar no Brasil são melhores do que os que tinham anteriormente na mesma empresa, no momento em que trabalhavam ainda em seu país de origem, como mostram os trechos abaixo:

Eu estou trabalhando na mesma empresa em trabalhava na Finlândia. Eu informei o gerenciamento da empresa que estava disponível, caso precisassem enviar alguém para o Brasil e aqui estamos [...] Atualmente atuo como gerente de vendas de nossos produtos aqui no Brasil [...] anteriormente na Finlândia eu trabalhava na parte operacional [...] (Formulário online nº 09, finlandês, 46 anos, Curitiba-PR).

Eu já estava trabalhando para esta empresa na Holanda. Agora aqui no Brasil eu sou gerente de P&D em uma empresa que faz o tratamento de sementes [...] a diferença é que antes na Holanda eu era coordenadora e agora sou gerente, ou seja, tenho mais responsabilidades [...] (Formulário online nº 12, holandesa, 37 anos, Holambra-SC).

A empresa russa comprou esta fábrica no Brasil e eles precisam de pessoas russas na parte da administração, atualmente sou controladora financeira da empresa aqui [...] quando estava

na empresa lá eu era auditora e agora faço parte da gerência aqui [...] (Formulário online nº 07, russa, 32 anos, Caçador- SC).

Um outro aspecto importante com relação aos trabalhadores provenientes de países centrais é que estes relatam que, apesar de a grande maioria estar exercendo atividades relacionadas a sua formação profissional, nem sempre há exigência de comprovação de tal formação através de diplomas, certificados e etc.

Em outros casos, mesmo que não haja uma formação profissional específica, é como se a sua nacionalidade propiciasse a criação de uma “autoridade” ou de um “saber” e isso o tornasse apto a desempenhar determinadas funções:

Eu sou coordenadora de produtos atualmente. Eu estudei sobre a América Latina, não estudei sobre vinhos, mas ao mesmo tempo eu também elaboro projetos aqui, então acho que uma parte do meu trabalho está ligada à minha formação e outra não, que é uma coisa de tradição e familiar minha, do mundo do vinho que não foi uma coisa que eu estudei na faculdade [...] ser francesa e trabalhando no mundo do vinho é algo bem favorável, as pessoas já... só por ser francesa parece que eu tenho um crédito assim para poder falar de vinhos [...] (Entrevistada nº 18, francesa, 30 anos, São Paulo-SP).

Eu tinha 15 anos quando comecei a trabalhar no meu país e foi num canil, com 16 anos eu trabalhei numa loja, depois trabalhei de garçoneiro e de recepcionista por último [...] não cheguei a entrar na faculdade na Inglaterra [...] Sou professora de inglês atualmente aqui [...] foi muito fácil arrumar emprego aqui, eu deixei meu currículo e me contrataram quase que imediatamente [...] não houve necessidade de comprovação de formação educacional, acredito que seja pelo fato de eu vir da Inglaterra, e ter o inglês como língua nativa [...] (Entrevistada nº11, inglesa, 25 anos, Goiânia-GO).

Através das análises dos questionários respondidos *online*, os trabalhadores estrangeiros afirmam que dentre as principais dificuldades encontradas para a sua inserção no mercado de trabalho brasileiro destacam-se os problemas referentes à obtenção de autorização de trabalho, validação de documentos, como diplomas e certificados e a barreira linguística.

Nesse sentido, ao examinar a trajetória ocupacional desses trabalhadores, é possível perceber aquilo que Alves (2013) demonstra em seu estudo ao afirmar a existência de uma configuração polarizada com relação à

demanda por trabalhadores estrangeiros no Brasil, “uma dupla dimensão, qualificada e não qualificada, visível e não visível” (ALVES, 2013, pg. 03).

As análises das trajetórias ocupacionais desses trabalhadores permitem evidenciar que uma mobilidade ocupacional ascendente não depende apenas de qualidades individuais do imigrante, mas também de variáveis contextuais relacionadas a características inerentes ao mercado de trabalho da sociedade receptora, ou seja, nessa dinâmica, alguns aspectos tornam-se essenciais como, por exemplo, relações estruturais e institucionais, questões de gênero, redes de contatos eficazes, assim como características individuais.

Considerações finais

Esse trabalho buscou analisar a trajetória ocupacional de trabalhadores estrangeiros inseridos no mercado de trabalho formal no Brasil. Sendo assim, recorreu-se num primeiro momento a dados quantitativos almejando traçar o perfil e características desses trabalhadores. Através dos dados disponibilizados pela RAIS, foi possível perceber que entre o período de 2008-2015, o número de trabalhadores estrangeiros cresceu constantemente, mesmo diante de um cenário de crise econômica que teve o seu aprofundamento no Brasil, principalmente, a partir de 2014.

Esses dados demonstraram também uma significativa mudança com relação ao perfil desses trabalhadores, sendo que, cada vez mais, é possível perceber uma diversificação com relação as nacionalidades presentes no mercado de trabalho formal brasileiro, principalmente em função da entrada significativa de trabalhadores provenientes do hemisfério sul.

Dentre esses novos fluxos migratórios destacam-se, atualmente, os imigrantes provenientes de diversos países periféricos da África, Ásia e países da América Latina. Dentre as principais nacionalidades, atualmente, encontram-se imigrantes provenientes do Haiti, Bangladesh, Senegal, Guiné-Bissal e Gana. A entrada de haitianos tem recebido especial atenção, pois, de acordo com Fernandes (2015), não se observava um afluxo tão expressivo como este, de imigrantes originários do Hemisfério Norte para o Brasil, chegando ao país em situação irregular, desde o final da segunda guerra mundial.

O Brasil tem demandado trabalhadores estrangeiros, principalmente, para atividades altamente qualificadas, porém, devido às dificuldades em encontrar mão de obra em determinadas ocupações – geralmente atividades pesadas, que possuem más condições de trabalho - existe também uma oferta de trabalho para atividades que exigem menos qualificação.

O mercado de trabalho formal brasileiro tem absorvido ao mesmo tempo, tanto trabalhadores para ocuparem atividades que se encontram na ponta virtuosa, quanto para atividades presentes na ponta precária do mercado de trabalho. Desse modo, existe uma demanda por trabalhadores qualificados ao mesmo tempo em que o mercado de trabalho tem aproveitado também trabalhadores com pouca escolaridade em atividades diversas.

Na segunda parte do trabalho, utilizando-se de dados qualitativos através de entrevistas e questionários, foi possível observar as trajetórias ocupacionais desses trabalhadores e perceber a existência dessa polarização encontrando trabalhadores qualificados – ou altamente qualificados - atuando em atividades de ponta e de alta tecnologia, com condições de trabalho e de emprego mais protegidas, e ao mesmo tempo, imigrantes não qualificados exercendo atividades, principalmente, na indústria têxtil, no setor de serviço e na construção civil, realizando trabalhos de caráter essencialmente manual.

Referências bibliográficas:

ALVES, Patrícia Villen. **Imigração na modernização dependente:** “braços civilizatórios e atual configuração polarizada”. Campinas: UNICAMP, Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 284 f., 2015.

_____. Polarização do mercado de trabalho e a nova imigração internacional no Brasil. In: **Seminário do Trabalho:** Trabalho e políticas sociais no século XXI, 8, 2012, Marília: Unesp, 2012. Disponível em: <<http://www.estudosdotrabalho.org/texto/gt5/polarizacao.pdf>>. Acesso em: 14/04/2017.

ARANGO, Joaquín. La explicación teórica de las migraciones: luz y sombra. In: **Migración y Desarrollo**, Cidade do México, nº 01, p.01-30, outubro, 2003. Disponível em: <

http://pendientedemigracion.ucm.es/info/gemi/descargas/articulos/42ARANGO_La_Explicacion_Teorica_Migraciones_Luces_Sombras.pdf>. Acesso em: 23/06/2015.

BONACICH, Edna. A Theory of Middleman Minorities. In: **American Sociological Review**, vol. 38, n. 5, p. 583-594, 1973. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/228270882_A_Theory_of_Middleman_Minorities>. Acesso em: 26/01/2016.

BORJAS, George. Assimilation, Changes in Cohort Quality, and the Earnings of Immigrants. In: **Journal of Labor Economics**, vol. 3, n.4, p. 463-489. 1985. Disponível em: < http://www.uh.edu/~adkugler/Borjas_1985.pdf>. Acesso em: 13/02/2015.

CAVALCANTE, Leonardo. Imigração e Mercado de trabalho no Brasil: Características e tendências. In: **Cadernos Obmigra: Migração e Mobilidade na América do Sul**. vol. 1, n. 3, 2015.

CHISWICK, Barry, LEE, Yew, & MILLER, Paul. A Longitudinal Analysis of Immigrant Occupational Mobility: A Test of the Immigrant Assimilation Hypothesis. In: **International Migration Review**, vol. 39, n. 2, p.332-353, 2005. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/pdf/27645500.pdf>>. Acesso em: 20/12/2015.

EDMONSTON, Barry. Lifecourse perspectives on immigration. In: **Canadian Studies in Population**, vol. 40, nº. 1–2, Spring/Summer, p. 1–8, 2013. Disponível em: < [http://www.canpopsoc.ca/CanPopSoc/assets/File/publications/journal/2013/csp40\(1-2\)-0-Intro-Edmonston.pdf](http://www.canpopsoc.ca/CanPopSoc/assets/File/publications/journal/2013/csp40(1-2)-0-Intro-Edmonston.pdf)>. Acesso em: 14/06/2015.

FERNANDES, Duval. O Brasil e a migração internacional no século XXI – Notas introdutórias. In: **Migrações e trabalho**. Erlan José Peixoto do Prado, Renata Coelho, organizadores. – Brasília: Ministério Público do Trabalho, p. 19-40, 2015.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. **Caminhos Cruzados: Estratégias de empresas e trajetórias de trabalhadores**. São Paulo, Ed. 34, 2004.

HIRATA, Helena. A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. In: **Sociologias**, nº 21, Porto Alegre, Janeiro/Junho, 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222009000100003>. Acesso em: 10/03/2015.

MASSEY, Douglas; ARANGO, Joaquín. **Worlds in Motion: Understanding International Migration at the End of the Millennium**, Clarendon Press, Oxford, 1998.

NASH, Mary. Nuevos horizontes y viejos dilemas. Los retos de la era global. In **Mujeres en el Mundo. Histórias, retos y movimientos**. Madrid: Alianza Editorial, 2012, p. 309-339.

PARELLA RUBIO, Sònia. Segregación laboral y "vulnerabilidad social" de la mujer inmigrante a partir de la interacción entre clase social, género y etnia. In FLAQUER, Lluís; SOLÉ, Carlota (eds.). **El uso de las políticas sociales por las mujeres inmigrantes**. Madrid: Instituto de la Mujer. Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, 2005, p. 97-136.

PIORE, Michael. **Birds of passage: migrant labour in industrial societies**. Cambridge University Press, Nova York, 1979.

SASSEN, Saskia. The International Circulation of Resources and Development: The Case of Migrant Labour. In: **Development and Change**, vol. 9. London: SAGE, London and Beverly Hills, p. 509-554, 1978.

SELLA, Lisa, RAGAZZI, Elena. Migration and work: the cohesive role of vocational training policies. In: **Mondi Migranti**, nº 01, pg. 139-160, 2016. Disponível em: <https://francoangeli.it/Riviste/scheda_rivista.aspx?doi=10.3280/MM2016-001008&lingua=en>. Acesso em: 25/02/2017.

STANEK, Mikolaj & RAMOS, Alberto Vieira. Occupational Mobility at Migration – Evidence from Spain. In: **Sociological Research Online**, vol. 18, n. 4, p. 1-9, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/262563424_Occupational_Mobility_at_Migration_-_Evidence_from_Spain>. Acesso em: 05/06/2016.